



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MÍDIAS EDUCATIVAS: ENSINANDO E APRENDENDO ATRAVÉS DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS

Sidney Ribeiro Palmeira; Úrsula Lima Brugge

*Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, sidney.palmeira@ifrn.edu.br
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, ursula.brugge@ifrn.edu.br*

Resumo: Nesse artigo, temos por objetivo levantar algumas reflexões a respeito da relação mídias e ensino. Para isso, em um primeiro momento, localizamos o que são mídias e trazemos algumas reflexões a respeito da sua relação com a educação através da leitura autores como Franco Cambi, Sandra Pereira Tosta, José Marques de Melo, Rosa Maria Bueno Fischer e José Manuel Moran. Em um segundo momento, levantamos uma série de questões a respeito do uso dessas mídias no campo do ensino, ressaltando os motivos que levam muitos professores a terem resistência ou mesmo aversão a essas mídias e, finalizamos, apresentando caminhos por nós enxergados que possam ajudar nessa relação professor-mídias-ensino. A metodologia empregada foi a observação e as conclusões tiveram como base lógica o método indutivo.

Palavras-chave: Mídias, Ensino, Inovação.

1. Introdução

Vivemos em um mundo midiático. Não é difícil escutarmos afirmações como essa atualmente. Mas, para assim afirmarmos, e considerando a natureza do trabalho que aqui propomos, há três perguntas que não podem ser ignoradas: primeiro, o que é mídia? Segundo, qual a função social da mídia na contemporaneidade? E, por fim, em que toda essa discussão a respeito das mídias toca o campo da educação? O objetivo deste trabalho é levantar uma série de reflexões a respeito da relação entre mídia e educação, problematizando os motivos que levam os professores a uma relação tensa com as mídias hoje disponíveis e sinalizando formas de superação dessas dificuldades.

Iniciemos, pois, com o primeiro ponto: o conceito de mídias. Mídia é um sistema que se constitui por veículos de comunicação de massa, tais como a televisão, o rádio, os jornais, as revistas e, atualmente, a Internet. Como explicam Melo & Tosta (2008, p. 30), ela tem a ver com a indústria dos bens simbólicos, correspondendo a um sistema complexo de produção, circulação e consumo de bens culturais. Sua força é indubitável! Atualmente, a mídia é, sem

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dúvida, uma das principais fontes de aquisição de informação e conhecimento, adquirindo o poder inclusive de ditar moda, quebrar valores, impor novos costumes. Como lembram Melo & Tosta (2008, p. 31), a mídia é uma fonte de poder.

Para Moran (2007), os aparelhos midiáticos nos passam “continuamente informações interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros” (MORAN, 2009, p. 162). Em outras palavras, pode-se dizer que a mídia impacta de forma tal na vida moderna, a um ponto de se tornar um aparelho de subjetivação, isto é, de constituição de *sujeitos modernos*.

Franco Cambi (1999), em sua análise a respeito da relação entre os *mass media*¹ e a educação, afirma que o advento destes meios e da indústria cultural desencadeou uma verdadeira revolução pedagógica – quiçá, uma das mais importantes de nossos tempos –, manifestando todo o seu potencial de difusão e de incidência a partir do segundo pós-guerra. Segundo o autor, as mídias foram pouco a pouco ocupando um amplo espaço na formação do imaginário social, diretamente investindo – e regulando – a consciência de cada sujeito, ditando modas, comportamentos, gostos, necessidades e padrões de consumo. Para Cambi (1999, p. 631), os *mass media* se tornaram, para nossa sociedade:

[...] verdadeiros e próprios educadores, informais, até ocultos, mas educadores de primeiro plano, que se tornaram potentíssimos através do meio televisivo que revoluciona a percepção e a conceitualização (elementarizando-a, separando-a da linguagem verbal e resolvendo-a sobretudo em imagens), agindo em profundidade já desde e sobretudo na infância, deixando a marca na mentalidade coletiva.

Mas o que o autor está chamando de caráter formativo *oculto* das mídias, compreendemos de modo distinto. Esse caráter formativo não é oculto. Pelo contrário, ele é de tal forma disseminado que, para nós, tornou-se algo *natural*, e, portanto, *inquestionável*.

1

¹Mass, do inglês, massa. *Media*, plural de *medium*, do latim, meios. Por *mass media*, podemos entender todos os meios de comunicação de massa como livros, jornais, rádio, televisores, anúncios, panfletos, vídeos, cinema, *merchandisings*, discos etc.; enfim, meios de profusão de bens simbólicos.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Quem ousa questionar o *óbvio*? E é justamente sob esse caráter *óbvio* que a mídia vem ganhando espaço no cenário contemporâneo e adquirindo, cada vez mais, a capacidade de instaurar regimes de verdade. Inclusive, seu próprio caráter formativo já é, em si, um regime de verdade de nossa sociedade.

Ainda segundo o autor, a mídia detém poder simbólico, cultural. Difunde uma certa cultura que é fruto de uma verdadeira *indústria*, a qual está organizada e regulada pelas leis de mercado (oferta, procura, concorrência), bem como por suas transformações (concentração, monopólio); em outras palavras, a produção cultural veiculada pela mídia está ligada, por um lado, à lógica econômica e, por outro, à *ideológica* – por parte dos grupos dominantes. Ora, é inegável que existem certas empresas que dominam largamente o cenário midiático brasileiro; é o caso da Rede Globo de Televisão, no meio televisivo e da Editora Abril, no meio midiático escrito. Há também que se ter claro que as empresas, de modo geral, infiltram-se e permeiam com suas propagandas e *merchandising* todos os domínios midiáticos, estabelecendo padrões de consumo, produzindo necessidades, criando verdades, estabelecendo-se, por fim, no imaginário e definindo o cotidiano dos indivíduos (estilos de vida, moda, comportamentos).

Para Cambi (1999), o objetivo da profusão cultural midiática é a massificação, a padronização comportamental do público. Para tanto, segundo o autor, a mídia utiliza de formas persuasivas, tais como como o constante *final feliz* das histórias, a criação das *estrelas*, a profusão do *estilo jovem de vida* etc., as quais são reiteradas com vigor e profundidade para fazer prosperar os *mitos* na consciência do grande público.

A cultura veiculada pela mídia é uma cultura de massa baseada no princípio do lazer, que penetra por toda parte. Escreveu Moran (2009): “a cultura de massa torna-se um grande provedor de mitos condutores do *lazer*, da felicidade, do amor” e é animada por um duplo movimento, não apenas do real para o imaginário, mas também do imaginário para o real. Essa cultura não é apenas *evasão*, mas é ao mesmo tempo e contraditoriamente *integração*. É a cultura dominante na “época da reprodução técnica” da arte, num tempo novo que leva a arte às massas e assim a simplifica, também a vulgariza, embora, gramscianamente, leve as

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

massas para além do folclore e do seu horizonte mágico-religioso, erigido de superstições e de irracionalidades (CAMBI, 1999, p. 632).

No mais, Cambi (1999) fala a respeito das diferentes posições assumidas pelos autores a respeito das mídias. Segundo ele, as teses podem ser divididas entre os *apocalípticos* e os *integrados*. Como explica, os *apocalípticos*, representados, em particular, por Adorno e Horkheimer, com suas severas críticas à cultura de massa:

[...] sublinharam o efeito de pobreza cultural, de endurecimento das idéias, de estereotipia, de atrofia da imaginação e da espontaneidade, de subalternidade ao mercado e às razões puramente econômicas introduzidas pela industrialização da cultura e seus efeitos deseducativos (de conformismo, de acrisia, de imitação, de empobrecimento cognitivo) e contrapuseram uma retomada da alta cultura, crítica e criativa, artística ou filosófica no sentido próprio (CAMBI, 1999, p. 632).

Por sua vez, os *integrados*, representados principalmente por Marshall McLuhan, reconheceram nas mídias uma função educativa positiva, valorizando, portanto, a democratização cultural que elas possibilitam, reconhecendo sua função informativa e de aproximação dos produtos artísticos ao grande público.

De nossa parte, entendemos a mídia como um conjunto de veículos contemporâneos de comunicação, ao qual a sociedade como um todo está, de um modo ou de outro, submetida. Trata-se de uma fonte indubitável de poder, como dissemos anteriormente. Entendemos, pois, que a mídia é um dispositivo de poder e de saber – um “dispositivo pedagógico”, para falar com Fischer (2002). A autora identificando nas práticas midiáticas uma capacidade *formativa*, *pedagógica* e, tomando a perspectiva de Foucault como horizonte de seus estudos sobre a subjetivação midiática contemporânea dos sujeitos, desenvolveu o conceito de *dispositivo pedagógico da mídia*. Como explica, esse dispositivo seria

[...] um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem (FISCHER, 2002, p. 155).

Mas, nesse sentido, a questão que nos parece mais importante não é esse julgamento de moral se essas práticas de saber constituídas pela mídia são *boas* ou *ruins*. A questão que nos parece realmente relevante é pensar como converter essa imensa fonte de poder em ferramenta de educação; como tomá-la e torná-la uma aliada dos processos de ensino e aprendizagem significativa na contemporaneidade.

2. O uso das mídias no ensino

Neste segundo momento de nosso trabalho, abordaremos uma série de reflexões advindas especialmente de nossa prática docente. Tomamos por base nossas vivências como docentes em diferentes instituições de ensino, mas, especialmente, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Não estamos aqui interessados em especificar vozes, mas tudo o que aqui registramos, de alguma forma, foi visto, ouvido ou experimentado por nós e por colegas em nosso cotidiano escolar. Assim, em termos metodológicos, utilizamos da observação e nossas conclusões advém do método indutivo de interpretação.

Não são poucos os desafios quando nos propomos ao uso das mídias na educação. As tecnologias estão aí, foram vastamente popularizadas e relativamente bem aceitas pela sociedade como um todo. Cada vez mais pessoas estão introduzindo os computadores em seu cotidiano – e, conseqüentemente, gerenciando suas vidas através das múltiplas funções dessas máquinas –, substituindo os antigos aparelhos celulares por modernos *smartphones* – permitindo-lhes o constante acesso à internet e a virtualização de muitas ações outrora feitas exclusivamente de modo presencial – para não falar da já consagrada relação da sociedade moderna com a televisão e o rádio. Mas, ao mesmo tempo que essas tecnologias estão aí e vêm garantindo cada vez mais espaço entre os sujeitos sociais, podemos observar também que

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ainda são vistas por muitos sob certa desconfiança, especialmente quando o assunto é a sua relação com o campo da educação e do ensino.

Percebemos, em nossa prática cotidiana com as mídias educacionais, que tais resistências se dão geralmente por três motivos:

1. Por um certo *preconceito* de nossa sociedade em relação aos conteúdos disseminados pelas mídias, o que leva muitos a tratarem tais conteúdos como inferiores, subalternos, *menos culturais*;
2. Por um certo receio ainda existente de que as tecnologias venham a substituir os professores da função da docência;
3. Por muitos professores ainda desconhecerem um modo educacional de introduzir e lidar com as mídias em sua prática docente.

A respeito do primeiro problema, acreditamos que hoje, como dissemos na primeira seção deste artigo, a mídia é, indubitavelmente, uma das mais poderosas vias de acesso ao conhecimento produzido pela humanidade – seja qual for a essência desse conhecimento.

Se esse conhecimento está aí, por que não fazer uso dele? Por que mantermo-nos presos a uma postura anacrônica que reconhece apenas os livros impressos como fonte de conhecimento fidedigno, se podemos lançar mão dessas poderosas ferramentas de pesquisa, incentivando nossos alunos à busca constante de novos saberes? Ora, os tempos mudaram. Nosso alunado também mudou. Cabe à educação e aos professores acompanharem essas mudanças e tomá-las não como suas inimigas, mas como aliadas para o processo de aprendizagem significativa dos alunos.

Não existe, pois, conhecimento *inferior* ou *superior*, existe conhecimento. Cabe a nós professores aprendermos a lidar com essa gama quase infinita de conhecimentos hoje a disposição nossa e de nossos alunos. Cabe, especialmente, assumirmos uma postura problematizadora em relação a esses saberes disseminados pela internet, pelo rádio e pela televisão, mediando o contato dos nossos alunos com esses conteúdos para que eles também possam, passo a passo, aprimorando seu olhar crítico sobre as fontes de conhecimento a eles disponíveis, *separar o joio do trigo*, isto é, que consigam por si sós analisar os conteúdos e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

selecionar aquilo que verdadeiramente lhes importa, daquilo que não tem tanto significado para seu trabalho.

Isso nos leva ao segundo problema, o de que as tecnologias poderiam destituir o professor de sua função de magistério. Bem, se aceitarmos a ideia de que o professor deve ser aquele sujeito enciclopédico, que tem como função *repassar* conhecimentos aos alunos, realmente, as tecnologias chegaram para tomar completamente o lugar do professor, porque nenhum ser humano é capaz de armazenar tanto conhecimento como o que temos hoje a disposição nos livros e, especialmente, na internet. Porém, se entendemos que a função do professor está mais para um *mediador*, cuja função é trabalhar em conjunto com os alunos, auxiliando seus processos de aprendizagem, buscando, junto com eles, empregar significado aos conteúdos, unir as parcelas fragmentadas de conhecimento disponíveis nos livros, na internet, na televisão etc. em um sistema lógico, auxiliando suas pesquisas e oferecendo-lhes elementos pra que desenvolvam sua autonomia e senso crítico, facilmente perceberemos o quanto as múltiplas tecnologias hoje disponíveis podem entrar nesse jogo como poderosas aliadas da educação e do ensino.

A questão, portanto, é: como estamos encarando a docência? Uma vez mais reafirmamos: os tempos mudaram, nosso alunado mudou, portanto, o professor também deve rever sua postura e sua função dentro do processo de ensino e aprendizagem. Ou seja, as tecnologias não são nosso maior problema; nosso grande desafio é acompanhar e nos adaptar a esse mundo novo que se pinta todos os dias em nosso horizonte.

Em uma entrevista, à Revista Digital, disponível no canal Portal Brasil do YouTube, Rubem Alves diz:

Eu estou pensando há muito tempo em propor um novo tipo de professor: é um professor que não ensina nada; não é professor de matemática, de história, de geografia, é um professor de espantos. O objetivo da educação não é ensinar coisas porque as coisas já estão na Internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. Criar na criança essa curiosidade. Para mim, esse é o objetivo da educação: criar a alegria de pensar (ALVES, 2011).

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Mas além de espantos, o professor é aquele que dá *movimento* aos conhecimentos presentes nos livros. Por exemplo: na matemática, sabemos que o resultado da equação $(x+y)^2$ é $x^2+2xy+y^2$. Está nos livros. Mas como esse resultado foi alcançado? Aí entra a figura do professor: o professor é aquele que poderá dar *movimento* a esse conhecimento; por suas experiências prévias com determinado conteúdo, é ele a pessoa mais capaz de demonstrar aos alunos os caminhos que levaram $(x+y)^2$ tornar-se $x^2+2xy+y^2$. Outro exemplo do professor como aquele capaz de dar movimento aos conteúdos está no ensino da História do Brasil. Os livros, de modo geral, narram os percursos da história brasileira de modo estanque e fragmentado; dificilmente os alunos conseguem perceber sozinhos, pelo modo como estão organizados os livros didáticos, as correlações entre os eventos apresentados em um capítulo e nos subsequentes. Cabe, portanto, sob essa ótica, ao professor demonstrar aos alunos as interligações entre os conteúdos estanques dos livros, correlacioná-los, ligá-los, empregar-lhes sentido, dar-lhes *movimento*. O mesmo vale para as múltiplas informações presente na internet, apresentadas na TV. O professor é aquele que pode valer-se de toda essa gama de saberes e empregar-lhes sentido, sistematização e movimento.

Por fim, chegamos ao terceiro ponto: a falta de conhecimento e habilidade por parte dos professores em lidar com as mídias de modo educacional. Uma vez que o professor compreenda as mudanças por que estão passando nossa sociedade e os consequentes reflexos disso no campo da educação, ficará mais fácil enxergar modos educacionais de trabalhar com essas mídias.

Mas o que pode ser feito? Antes de tudo, fugir dos *modismos*. É muito comum vermos professores adotando certas tecnologias em suas aulas motivados muito mais por *modismos* do propriamente por uma reflexão a respeito dos benefícios que o uso dessas ferramentas tecnológicas pode gerar em sua prática docente. Isso cria um desconforto muito grande nos alunos, pois a expectativa gerada diante do uso dessas novas ferramentas é rapidamente frustrada quando os alunos percebem que nada mudou, continuam sendo submetidos a aulas enfadonhas e tradicionais, mas agora auxiliadas com uma parafernália eletrônica que em nada impactou positivamente as aulas de seus professores.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Por exemplo: o uso de *slides* em aula. É comum vermos atualmente professores trocando as antigas aulas auxiliadas pelo quadro branco, por *modernas apresentações de slides*, mas fazem-no muito mais porque hoje é sinal de *modernidade* utilizar tecnologias em sala de aula do que propriamente por conhecimento das potencialidades dessa ferramenta. O mesmo vale para aulas em laboratórios equipados com modernos computadores em que os alunos não pesquisam nada, não produzem nada, apenas reproduzem eletronicamente velhas práticas consagradas como a cópia, o cálculo, a memorização, a resolução de exercícios. O exercício do pensamento, como falou Rubem Alves na citação anterior, passa longe desse tipo de aula. Então, a questão é: se os alunos farão o mesmo que fariam sem os computadores, sem os *slides* etc., qual o sentido do emprego dessas ferramentas?

Uma forma muito mais interessante de trabalho com essas tecnologias é utilizá-las como o ponto de partida para discussões, para a introdução de novas matérias curriculares, como fonte de pesquisa dos alunos. Em outras palavras, buscar, com auxílio dessas múltiplas ferramentas tecnológicas, dar significado prático aos conteúdos curriculares obrigatórios aos alunos. Ora, se temos que dar uma aula de genética, por que não propormos a eles que pesquisem sobre a ovelha Dolly no Google? Por que não usarmos filmes e documentários como parte de nossas explicações? Por que não tomarmos reportagens exibidas nos jornais locais e nacionais como ponto de partida para debates e análises críticas dos conteúdos em nossas salas de aula?

Outra questão também importante seria os alunos serem desafiados a produzirem seus próprios materiais a partir do uso dessas tecnologias. Por exemplo, que os próprios estudantes pudessem produzir suas revistas eletrônicas, vídeos educativos, jogos etc. Não nos parece lógico que o trabalho com as tecnologias se encerre numa perspectiva meramente instrumental, que entenda todo esse aparato como meras ferramentas de apoio a um modelo de ensino que está aí, cristalizado nesse binômio professor-aluno, no qual o primeiro, uma vez *detentor de todo saber*, ensina e o segundo, *tábula rasa*, aprende.

Os alunos sabem! Os alunos têm seu conhecimento, têm suas experiências particulares às quais o professor não tem acesso, porque esses, ao contrário dos saberes da ciência, não estão nos livros ou na internet; são saberes da vivência, da rua, do cotidiano. Ademais, nós

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

professores devemos incentivar sempre a autonomia do aluno; incentivar que ele busque seus saberes, que desenvolvam suas habilidades e potencialidades e, especialmente, que produzam seu saber. E, nesse ponto, as tecnologias têm especial potencialidade para dar vida ao que os alunos se propõem.

4. Conclusão

Concluimos esse trabalho com um apelo a todos os professores: a respeito da relação entre as mídias e a educação, que as discussões *não se concluem!* Em outras palavras: não fechem as discussões, não encerrem seus olhares sob ideias já consolidadas. O uso das múltiplas mídias hoje disponíveis à educação demanda ainda muitas discussões, estudos, pesquisas, iniciativas, tentativas e inovações; demanda, especialmente, uma mudança de perspectiva e práticas docentes. Nesse artigo, trouxemos um pouco de nossas observações, de nossas experiências e reflexões, de nossas angústias e de nossos colegas, esperando contribuir para o avanço e melhoria do ensino através e com as tecnologias.

Referências

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999. (Enciclopédia)

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. In: Educação e pesquisa. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151 – 162, 2002.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

MORAN, José Manuel. **As mídias na Educação**. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm>. Acesso em: 17 de outubro, 2009.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PORTALBRASIL. O papel do professor. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=_OsYdePR1IU> Acesso em: 01 ago. 2016.

(83) 3322.3222
contato@conedu.com.br
www.conedu.com.br